



PANTALEÃO PEQUENO HEROI SERENO e MACARENO

Por FERND'ALMIRA

PANTALEÃO Pequeno era o mais pequeno da geração dos Pequenos, do Campo Pequeno.

Convencido, um dia, que tinha encontrado a sua vocação, decidiu-se a tentar a aviação motorizada, que lhe dava grandes possibilidades de sucesso e... mais largos horizontes para as suas proezas e eccentricidades.

E assim resolveu ingressar numa Escola de Aviação Civil, para tirar o seu *brevet*, ou carta de piloto, e começar a sua *aprendizagem*, em *duplo-comando*—isto é:—em aparelho onde o *piloto* e o aluno têm os *comandos* conjugados, e fazem ambos as mesmas *manobras* para se tornar mais fácil o ensino.

Certo dia, aluno e *monitór* fazem a *descolagem* e ei-los no ar, num vôo rápido e seguro, pois era o *instrutor* quem ia ao *manche*—alavanca dos comandos.

A páginas tantas, Pantaleão já conhecedor das manobras, começa *pilotando*. Nos primeiros momentos tudo vai bem. Então, o chefe-piloto ordena com voz forte:

—«Subida à vertical». Pantaleão

Pequeno não esteve com mais aquelas; puxou com tal força o *manche* para si, que o avião, empinando-se, rompeu por ali acima como um foguete. Impossibilitado de agüentar o aparelho naquela posição, obrigou-o a dar uma volta sobre as costas, e *instrutor* e aluno fazem um *looping* forçado, ou melhor, dão uma grande cambalhota com aparelho e tudo.

O *instrutor*, num ápice, deita as mãos aos *comandos* e consegue endireitar o aparelho.

—«Seu burro! Isso é manobra que se faça!» Grita-lhe furibundo; mas, fixando o olhar no lugar do aluno, na *carlinga*, vê, estupefacto, que estava vazio.

—«O' céus! Uma catástrofe!! E no auge do desespero, investiga o espaço em tôdas as direcções.

Pantaleão Pequeno, o cúmulo da serenidade, descia risonho em *para-quedas*, balouçando-se serenamente na atmosfera. Por baixo do seu casaco de couro, de aviador, apareciam ridiculamente, a abanar ao vento, quais galhardetes desfraldados, as abas pretas do seu inseparável fraque!

Numa manobra hábil, o piloto faz uma *viragem* apertada, para junto do nosso *paraquedista* e *atterra* pronto a prestar tôda a assistência ao seu aluno que vinha descendo do céu, sereno e macareno, na sua fatiota extravagante.

Nova e maior surpresa estava reservada ao *instrutor*, quando, no meio do pessoal do campo, procurou no espaço, com a vista, o *para-quedas* de Pantaleão, para calcular o ponto provavel onde êle iria cair.

Mas qual *para-quedas* nem qual carapuça! Pantaleão tinha-se evaporado! No ar nem vestígios havia de por lá ter passado um *para-quedas*!

—«Mas eu afianço-vos que vi o Pantaleão no ar, suspenso pela cintura como o macaco!» Afirmava o piloto, intrigadíssimo com o caso e já afinado com a chacota de quantos estavam à sua volta e riam, a perder, de tal afirmação.



—«Apre! Já disse que lhes dou a minha palavra de honra de que levei o Pantaleão comigo e que não estava na *carlinga* quando *atterret*!...»

Nisto, ouve-se ao longe o roncar dum motôr. Um outro aparelho entra no *aeródromo*, faz a sua *aterragem* na *pista* e *rola* até junto dos *hangares*. Um grande oh! de admiração e os presentes vêem Pantaleão Pequeno saltar do *aparrelho*, todo enroldado no *para-quedas*, avançar para êles como um fantasma branco, cofiando a sua grande barba à porta-machado e com o seu melhor e mais calmo sorriso.

—«Viva o Pantaleão! És um homem genial! Então tu... conta, homem, conta... ¿como pudeste fazer uma sorte de prestidigitação no espaço?»

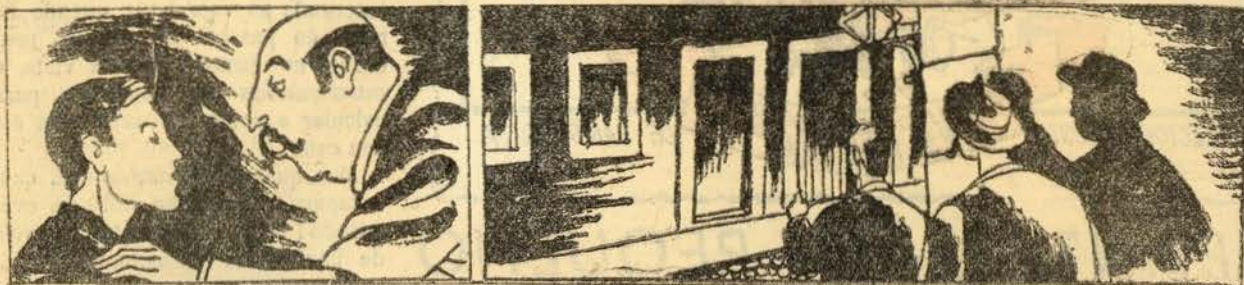
E Pantaleão Pequeno, ridiculamente imponente na sua indumentá-

(Continua na pág. 7)



FAJOCA, PATACHOCA e CARALAROCA

(Continuado do número anterior)



Assim que Fajoca chegou a casa, Caralaroca contou ao neto tudo que se passara e, não omitindo o promenor do bilhete, informou-o de que conseguira descobrir a residência do falso cego.

Como no papel se fazia alusão a um encontro na noite seguinte, decidiram ir ambos vigiar a casa e seguir o misterioso personagem até à descoberta de toda a meada. Não tardou que o homem, muito confiado, surgisse à porta da



rua, tomando a direcção da baixa, Fajoca e Caralaroca meteram-se imediatamente no seu encaicho, guardando a distância conveniente. Sem o perderam de vista, verificaram que estavam em presença de um autêntico farsante, pois o

falso cego representava o seu papel com verdadeira mestria, tateando o caminho com a bengala e prosseguindo sempre num passo vacillante.

Depois de uma longa caminhada, cheia de peripécias



trágico-cómicas, através das ruas da cidade, chegaram, por fim, ao cais da Ribeira Nova, onde o «cego», julgando-se completamente ao abrigo de olhares indiscretos, se esguei-

rou pelos cais, protegido pelas sombras da noite. Em seguida embarcou num bote que ali estava amarrado e começou a remar com desenvoltura em direcção a um lugre anco-



rado um pouco ao largo. Fajoca e Caralaroca não hesitaram um momento! Havia ali outro barquinho e, resolutamente, logo se meteram nele, tomando o mesmo rumo da pessoa que seguiam. Em breve estavam junto do lugre, de

cujo costado pendia, por um feliz acaso, a ponta de um forte cabo.

(Continua no próximo número)

NO MUNDO DAS FLORES

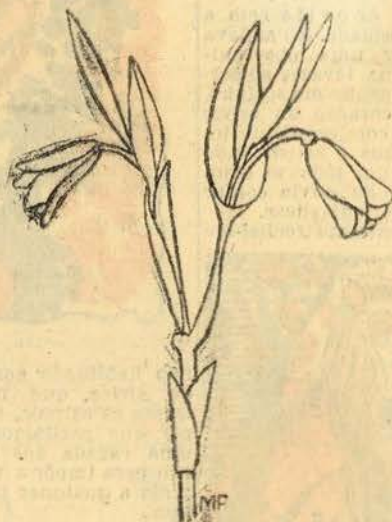
Uvularia perfoliata

Caulo, folhas e sépalas verdes.
Bráctea castanha. Pétalas amarelas.



Lobelia cardinalis

Folhas, caule e sépalas verdes. Pétalas vermelhas.



Krameria secuniflora

Folhas de sépalas azuis. Caulo e estames verdes. Pétalas encarnadas.



FOLHETIM DO PIM-PAM-PUM

A FALSA MENDIGA

Por MARIA de ALPIARÇA

Meus queridos pequeninos:

NO Reino Florido havia uma linda princesa, filha do rei Abacada-bra, que estava noiva do príncipe Florimundo.

Um dia a princesa andava a passear com a sua aia, a condessa Florbela, num labirinto do parque do seu palácio,

quando viu, um pouco distante, uma velha corcunda a fazer-lhe sinais para que se aproximasse.

Quando a princesa Brancaflôr chegou junto dela, pediu-lhe que a acompanhasse à estrada, porque, entrando ali para pedir esmola, perdera-se no meio duma encruzilhada, e não sabia por onde sair.

A princesa, que era muito bondosa, pegou na mão da pedinte, e, acompanhada pela sua aia, foram-se encaminhando para fóra do parque. Mas a velha foi andando, foi andando, e a princesa e a sua aia foram-na seguindo, sem darem pelo tempo que passava, como se uma força misteriosa as impelisse para a frente.

Assim percorreram montes e vales, até que chegaram a um palácio encantado, mais grandioso na sua forma arquitectónica do que o palácio da linda princezinha.

A velha, que caminhava apressada, sem nunca olhar para traz, quando chegou aos seus domínios, voltou-se para a princesa, dizendo com um riso de maldade:

— «Eu sou a fada Furibundina, e a princesa Brancaflôr é minha prisioneira! Passará o resto dos seus dias no alto daquela torre, torre maldita, de onde jámais sairá.»

A princesa, então, num copioso pranto, pediu à fada que tivesse piedade dela e da sua aia, e a encaminhasse para o seu país, mas a fada não se condeou, e as duas meninas ficaram prisioneiras.

A princesa, não se conformando com a sua reclusão, procurava por todos os lados uma abertura na torre por onde pudesse fugir. A porta, porém, encontrava-se hermeticamente fechada; apenas



havia no cimo da torre uma fresta em cada face.

Em frente da janela que deitava para o norte, havia outra torre, espécie de castelo medieval, cujo habitante era um velho corcunda e disforme que, a avaliar pela sua expressão horrenda, chorava de sol a sol.

A vizinhança das duas meninas não lhe agradava, certamente, porque a sua figura era gigantesca, corcada por rosto negro, onde sobressaíam uns dentes amarelos de descomunais proporções.

Esta deformidade, que elas ignoravam, era obra da feiti-

(Continua na página 6).

UMA CAÇADA AOS LEÕES

Por RIBEIRO ANTUNES

QUANDO há cinco anos parti para Moçambique, aliás pelo escasso período de alguns meses, levava comigo a mesma ideia que toda a gente tem das regiões africanas: — Terra de negros selvagens e animais ferozes. Confesso que sofri uma grande desilusão. A cidade onde fixei a minha residência, era tão civilizada e de tanto movimento como qualquer outra cidade da metrópole da sua categoria.

Nas ruas havia o aspecto normal de vai-vem de pessoas e de meios de condução. Embora contra a minha perspectiva, nunca lá vi tigres ou leões a passearem com os seus donos nas avenidas, presos por simples coleiras, como se fossem «foxes» ou «lobos de Alásia»...

Também nunca vi negros nus, de aspecto guerreiro, perigosamente munidos de compridas lanças ou temíveis azagalas.

Não!... Decididamente, Africa não é a região selvagem que eu supunha mas sim um território em progresso acelerado no comércio, na indústria, no fomento, na educação e instrução dos seus naturais, portugueses como nós. Toda a actividade africana se está organizando em bases sólidas e prestigiando, cada vez mais, a Soberania Portuguesa que tem nas suas Colónias um glorioso Império.

De facto, às vezes, em pacatos serões de famílias amigas, ouvia contar narrativas de aventuras na selva, cheias de peripécias e de perigos, chegando a sua verdade a ser autenticada com a indicação dos locais, mas — confesso —

nunca del o meu crédito aos que se arrogavam seus protagonistas.

Um dia, travei conhecimento com um caçador profissional que me convidou a acompanhá-lo numa caçada aos leões.

Aceitei o convite com a maior curiosidade. Eu andava ansioso por uma oportunidade que me levasse ao sertão. Queria sentir-me sozinho, dentro do coração da selva, afrontando corajosamente todos os perigos e causticando os nervos com todas as emoções do que eu ouvia contar em histórias fantásticas.

Rapidamente, apetrechei-me



com tudo o que era necessário para a viagem.

Partimos de madrugada: — eu, o meu caçador e dez prontos auxiliares.

O transporte era feito em «carrinhas» ligeiras, carregadas de munições, facas de mato, carabinas, utensílios de enfermagem, tendas de acampamento e alguns alimentos ligeiros, especialmente bolachas e latas de conservas. Iamos armados e equipados até aos dentes.»

Qualquer europeu, ainda



não habituado aos costumes de Africa, que nos encontrasse na estrada, poderia supor que partíamos não para uma caçada aos leões mas sim para impôr a nossa soberania a qualquer tribo revoltada.

Percorremos algumas léguas. Ao entardecer, já embrenhados na selva e fatigados por tão longa viagem, resolvemos «armar» as tendas. Em volta, para afugentar os bichos de todas as espécies, acendemos fogueiras.

Deitámo-nos. Mas não conseguí conciliar o sono. Aquela aventura — a minha primeira aventura em Africa — excitava-me. Nunca tinha vivido momentos de tão grande emoção.

Perto, o meu companheiro dormia regaladamente.

O calor abrazava. Sentia a necessidade de respirar ao ar livre. Levantei-me. Saí da tenda. E comecei a andar ao acaso. Andei muito, sem rumo. Atraía-me o interior da selva. Após duas horas, ou talvez mais, quiz regressar ao acampamento mas estava perdido. Tinha-me afastado da estrada. O mato era muito alto. Num relance, vi todo o horror da minha desesperada situação.

Reconheci, então, que a selva africana não é para brincadeiras! Havia apenas um por menor que me dava uma relativa consolação e até me estimulava a coragem: — a carabina que eu, prudentemente, havia traçado a tiracolo. Era ela a melhor companhia que eu podia desejar naquela grave emergência.

Tentel reproduzir mentalmente o caminho que havia percorrido. Fiz cálculos, planos, mas nada me dava a certeza de que eu tanto necessitava. Caminhando ao acaso, podia agravar a minha situação. Gritei a plenos pulmões, reunindo todas as forças de que podia dispor. A minha voz, porém, sem eco conveniente, perdia-se na imensidade do sertão, entre os cânticos das aves e os guinchos dos macacos, que sem interrupção, saltavam nos troncos das árvores, olhando-me de modo provocante e mostrando-me as suas dentaduras brancas, em riso de mofa pela minha atropalhado.

De repente, com sinais evidentes de medo, toda a bicharrada fugiu para os troncos mais altos das árvores. Ouvi, então, um urro medonho, como eu nunca tinha ouvido, que me fez estremecer dos pés até à cabeça. Surpreendido e aterrizado, fugi também para cima duma árvore. Não me restava qualquer dúvida. Já perto de mim, a passos lentos, com a sua juba orgulhosamente erguida, caminhava o rei dos animais, Sua Majestade o Leão!

At! que pena eu senti que a árvore não se sumisse pelo chão abaixo, levando-me consigo! Mas foi apenas um momento!

Depressa recuperei a coragem. Se em minha frente estava o rei dos animais, eu, como homem, era o rei da Natureza! E, como que espicacado por este orgulho instintivo, engatillei a carabina, pronta a fazer fogo.

Por acaso, certamente, o leão olhou para o tronco onde eu me encontrava. Estacou.



SERAPIÃO TRAPALHÃO vê-se forçado a interromper a sua viagem ao Sertão, que prosseguirá no próximo número.

(Continua na página 6).



FOI numa choupana da aldeia de Mivéli, que Jaime e Daniel Bourteau encontraram o doutor pela primeira vez.

Jaime estava deitado numa cama de ervas secas, atacado de delírio por um violento acesso de febre e Daniel, seu irmão mais velho, tentava em vão acalmá-lo, em vista do mais novo deixar escapar palavras imprudentes respeitantes ao fim da sua expedição a essa região afastada do continente africano.

O jovem doente, com frases sem nexos, falava do Boer moribundo, que lhe tinha revelado a existência da gruta onde estavam ocultos os diamantes; na sua alucinação, via-os brilhar como sol sob os seus olhos deslumbrados, calculava o seu valor, gritava os nomes das aldeias, que compunham o itinerário a seguir.

É verdade que ninguém, junto deles, podia compreender o francês, salvo Nyanja, o seu gula e criado. Contudo, Daniel, sentia-se intranquilo.

Fez com que o irmão engulisse algumas gotas de água fresca, depois levantou-se, dirigindo-se para a entrada da choupana. E, no limiar, encontrou-se frente a frente, com um desconhecido.

O seu brusco sobressalto e o seu ar de desconfiança espantada, não deviam escapar ao recém-chegado, que sorriu;

e exprimindo-se em inglês, apresentou-se:

—«Doutor Potter, de Nova York, membro da Sociedade de Antropologia Americana. Atravessava esta aldeia, quando me anunciaram que se encontravam aqui europeus; dos quais um sofria, pelo que me apressei a vir oferecer os meus serviços.»

Certamente que um tal indivíduo em vez de se preocupar com diamantes ou com outras pedras, pensava em calcular a capacidade dum crâneo negro e a largura da sua caixa torácica.

Respondeu, então, por sua vez, declinando o seu nome e qualidade e agradecendo ao doutor a sua caridosa intenção.

NO ANTRO DOS LEOPARDOS

Daniel ficou logo sossegado. Esse personagem tinha, com efeito, mais a aparência dum sábio do que a dum aventureiro, com a barba hirsuta que lhe tomava quasi toda a cara, óculos redondos, que lhe protegiam os olhos, sob o capacete colonial do último modelo, e o seu traje prático e confortável.

—«O seu delírio assusta-me,—acrescentou ele, mostrando o doente.—É espantoso o que a imaginação dum homem pode inventar quando a febre o excita. Ele apenas fala de diamantes e Deus sabe em que mais ainda!»

(Continua na página 8)



UMA CAÇADA AOS LIÕES — (Continuado da página 4).



Fitou-me muito, demorado e profundo. Tentel lër no seu pensamento... Adivinhar as suas intenções... O leão estava parado, quieto, dando a impressão duma estátua.

Não havia tempo a perder. Era uma questão de vida ou de morte. Meti a carabina à cara, fiz pontaria ao coração do animal, preml o gatilho e a bala partiu... Mas falhei, talvez... A fera, enraivecida pela dôr, soltou um urro enorme, estrondoso, arripi-

te... Investiu contra a árvore... Os gemidos saiam-lhe raivosamente, como se fôsem pragas... Novamente, sem perda de um precioso segundo, apontei-lhe ao crânio e fiz fogo.

Então, a fera caiu sobre as patas dianteiras, bateu em chelo com o peito no chão e afocinhou. Por fim, teve um estremeção violento, vomitou uma grande golfada de sangue e caiu pesadamente numa massa inerte, dobrando o seu

monstruoso corpo já sem vida. Exultei! A morte dêste leão era a melhor recordação da minha vida em África.

Ao longe, ouvi rufar. Eram os prêtos do acampamento que vinham à minha procura. Deixei-os aproximar e gritei-lhes. Vieram ao meu encontro. Aterrorizados ante o leão, quiseram fugir. Conventei-os que a fera estava morta e, então, deram largas à sua alegria. Regressámos ao acampamento depois de termos

arrancado a pele do leão e aproveitado algumas peças de carne, a que os negros dão grande apreço.

Continuámos na nossa viagem e quando regressámos a Moçambique, trazíamos no nosso activo oito leões abatidos.

Manda a verdade esclarecer que não matei mais nenhum...

F I M

A FALSA MENDIGA

(Continuado da página 3)

ceira, que transforma tôdas as suas vítimas.

Porém, ali nem tudo era feio e horrível, como se val ver:

Um dia, a princesa e a sua aia foram espertar por outra fresta, e o que se lhes depa-rou deixou-as deslumbradas.

O horizonte era maravilhoso, tendo por fundo o mar, a confundir-se ao longe com o azul infinito do firmamento. Do lado sul da torre, avista-se uma rocha escarpada, onde algumas águias faziam os seus ninhos.

Duma cascata, que havia no planalto dessa montanha, despenhavam-se, por um córrego florido, catadupas de água cristalina, que vinham quebrar-se, com fragor, num lago imenso, obra da Natureza, onde muitas árvores seculares e plantas exóticas iam beber docemente.

Muito distante, divisava-se um castelo, tão lindo que mais parecia uma fortaleza de sonho e de mistério.

Do outro lado, via-se um comprido caramanchão, orlado de glicínias e jasmim, de formas tão caprichosas e desusadas, como não havia outro assim. Dentro dêsse caramanchão, havia uma linda mesa de bronze, com rendilhados de prata, tendo em cima algumas poltronas de ouro e marfim, onde se en-

contravam sentados alguns macacos e, entre eles, uma macaca a dar o peito a um filhinho.

No focinho, tão triste, dêstes animais, adivinhava-se uma tragédia, como a do corcunda da torre.

Passaram-se muitos dias de tristezas e incertezas para a linda princesa, quando, um dia, espertando por uma fresta



da torre, viu novo espectáculo, ainda mais surpreendente:

Próximo, encontrava-se uma linda carruagem de marfim e pedrarias, puxada por quatro cisnes, de alvura immaculada. Decorridos alguns minutos, aproximou-se uma velha

muito feia, vestida de brocado, recamado de brilhantes, tendo na cabeça o mais lindo diadema que é possível imaginar-se. Era a feiticeira que ia, de viagem, para um país longiuo.

Entrando na minúscula carruagem, tocou com uma varinha nas asas dos cisnes, que largaram, num vôo rápido, sobre montes e vales, até chegarem às nuvens.

Apenas a carruagem, desapareceu no azul do Firmamento, entrou por uma linha da torre uma pomba branca, trazendo no bico uma

de que servia a pena e o papel?

Como se lhe adivinhasse o pensamento, a pombinha cravou-lhe o bico num braço nu, por onde o sangue jorrou em abundância. Era evidente que a pomba lhe estava indicando que escrevesse com o sangue do braço, e então, escreveu uma carta ao pai, a pedir-lhe que fôsse com o seu poderoso exército libertá-la daquele longo cativeiro, onde tudo era mistério.

A pomba pegou no papel com o bico, e voou, voou através do espaço. Passaram muitos dias e a pomba sem regressar. O que lhe teria acontecido? Seria trucidada por alguma águia? Havia tantas na montanha próxima!

No entretanto, o sofrimento da princesa e da sua aia ia-se tornando atroz, porque a sua fealdade se revelara a elas próprias. Além disso, tinham fome e frio, e saudades de tudo o que haviam deixado e que tão distante lhe ficara.

Como ela se lembrava dos carinhos dos pais! Também se lembrava do príncipe Florimundo, a quem adorava com idolatria, e dos projectos de felicidade.

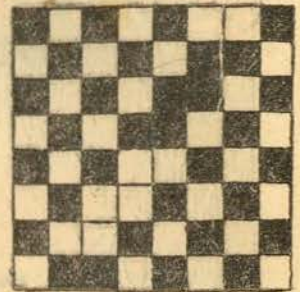
Algumas vezes perguntava a si própria, se a fada Furbundina seria alguma jóvem despeitada e invejosa da sua felicidade de noiva estremeçada.

E porque não seria assim? A inveja, esse mau e desprezível sentimento, leva tantas vezes às maiores maldades!

(Cont. no próximo número).

A DIVINHAS ACERTAR O TABOLEIRO

(PROBLEMA)



Isto, que quer ser um taboleiro de xadrez, apresenta, todavia, uma grande confusão de casas pretas e brancas, fóra dos seus lugares.

E' necessário dividi-lo em quatro partes de igual feitio e igual tamanho e dispô-las de maneira que formem um taboleiro de xadrez, perfeito. Vejam se são capazes, recorrendo-o como convier.

Nxx x' cxx vxxgrx qxx sx
 xpxnhxm mxscxs
 AA A OA

Nxm txdx qxx lxx x' yrx
 nem tudo que liz e ouro

Pxtrxx fxrx dxsxnrx nx
 A Ad OA IA A A

Xx mxnxx x' xx bxxrxchx
 rxx-lhxs dxs x' mxx
 pxr bxxxx

Qxxm nxx qxxrx sxr lxx
 nxx lhx vxstx
 x' pxx

Qxxm xspxx dxspxrx

PROVERBIOS PALAVRAS CRUZADAS

A estes provérbios tiraram-se todas as vogais, que foram substituídas pelo signal X. Queiram os nossos pequeninos leitores reconstituir êsses provérbios.

	1	2	3	4	5	6	7	8
1	P	O	R	T	U	G	A	L
2	O	V	O	X	V	A	S	E
3	R	X	D	U	A	L	X	V
4	T	U	A	X	E	R	A	
5	O	X	S	O	L	A	X	R
6	X	F	X	P	X	O	S	X
7	S	E	S	T	A	X	A	S
8	O	L	E	O	X	A	L	A

PENSAMENTOS

O que modera os seus lábios, é prudentíssimo.
 — O coração contente alegre o semblante; com a tristeza da alma se abate o espirito.

Solução do problema do número anterior.

Pantaleão Pequeno

Herói Sereno e Macareno
 (Continuado da 1.ª página)

ria, mas sempre sereno e macareno, explicou com o seu modo mais inocente e natural dêste mundo:

— «Eu vinha descendo calmamente com o guarda-chuva aberto, mas, como não chovia nem fazia sol, pensei fechá-lo; isso porém, era um bocadinho perigoso; por baixo de mim passava, nessa altura, um aparelho... e eu disse com os meus botões: «Não é tarde nem é cedo»; fiz sinal ao piloto, mandei parar e... saltei para dentro... Ora aí está! Nada mais natural.»

— «Então um avião pode parar no ar, como um eléctrico nas paragens?! «Inquiriu o instrutor abanado com o arrojo.

— «Perdão, meu caro mestre — diz Pantaleão no auge da serenidade, ante o riso estrepitoso dos

UMA ANEDOTA

O doutor Eufrázio, lente da Universidade, era muito enfadonho a expôr a matéria das suas lições.

Porque o assunto — alta matemática — se tornava um tanto ou quanto pesado, os alunos viam chegar o fim da aula, sempre com um suspiro de alívio.

Ora, certo dia, os rapazes, ao entrarem na aula, repararam que estava um cilindro a calcetar a rua. Daí a pouco, chegou o professor. Começou, na forma do costume, a explicar a lição, mas, quando estava mais interessado, ouviu-se um silvo agudíssimo e, então, o lente, aflito, tapou os ouvidos, suspendeu os trabalhos e retirou-se.

Claro está que tinha sido o cilindro que apitara.

Os alunos rejubilaram. Foram procurar o encarregado da máquina e deram-lhe dez escudos para êle apitar, enquanto ali estivesse, ao meio dia, durante a hora da lição do doutor Eufrázio.

O homem concordou, riu-se com a presentes — mas eu não vim de avião... vim de auto-giro!»

Queira verificar... — e apontava vitorioso o aparelho.

(Continua no próximo número).



lembrança e guardou a moeda. No dia seguinte, a hora convencional, ouviu-se o apito e, indignado, o lente tornou a sair da aula.

Um dia depois, ao meio-dia, na forma do costume, os alunos estavam de ouvido alerta. Os minutos passavam e não se ouvia o almejado apito.

Então, decorrida meia hora, o professor, rindo, esclareceu:

— «Estão muito admirados do cilindro não dar acôrdo de si? Pois fiquem sabendo que, se os senhores deram ao encarregado da máquina dez escudos para apitar a esta hora, eu dei-lhe, hoje, dobrada quantia para êle não interromper a aula...»

Manuel Ferreira



NO ANTRO dos LEOPARDOS

(Continuado da página 5)

—«Isso não é nada,—disse o médico. Vou dar-lhe um pôzinho da minha invenção e ficará curado esta noite».

Efectivamente, passadas duas horas de ter tomado o remédio, adormeceu num sono reparador e tranqüilo.

O mais velho dos Bourteau, estava agora confuso pela sua primeira suspeita, enquanto o doutor Potter, entusiasmando-se com a conversa, expôs os seus trabalhos, os estudos que havia feito relativamente às diferentes raças humanas, mostrando-lhe cadernos de notas, minuciosamente escritos na máquina de escrever portátil que fazia parte d. sua bagagem.

No dia seguinte, Jaime estava suficientemente curado para que pudesse pôr-se a caminho.

Assim, Daniel, Nyanja e êle reuniram-se na choupana para tomarem uma resolução.

—«Eu calculo que nos encontramos a cerca de 90 milhas ao sul da gruta em questão, disse o irmão mais velho, inclinando-se para o mapa estendido sobre a caixa das provisões. Porque está aqui assinalado o pequeno burgo de

Busumbala como o mais próximo da cadeia de colinas. Tu conheces Busumbala, Nyanja?»

—«Sim, chefe—replicou o indígena,—e conheço também as grutas das colinas, porque lá há várias.»

—«A que nos interessa,—disse Jaime,—está situada mais baixo do que tôdas as outras, e ao lado da entrada está gravada uma estrêla na pedra.»

—«Partiremos então amanhã ao amanhecer, declarou Daniel. Ao mesmo tempo, aliás, que o doutor Potter, que, parece, se dirige também para o Norte.»

Ao ouvir êste nome, Nyanja carregou as sobancelhas e os dedos fecharam-se-lhe fortemente em volta do cabo da sua lança.

—«Ele doutor, mau diabo... Nyanja sabe...» articulou êle, num tom sentencioso.

Jaime largou uma gargalhada.

—«O nosso bravo guia não pode ver o doutor Potter, desde que, êle lhe quis medir o seu ângulo facial.»

Nêsse instante, Daniel estendeu o braço e arrebatou bruscamente o mapa que ficara diante dêles. Uma sombra acabava de interceptar o dia no umbral da choupana: — era o doutor que entrava, curvando o seu alto busto para transpôr a abertura.

Esfregava as mãos.

—«Fiz hoje extraordinárias descobertas!—exclamou êle. É pena que eu tenha de me afastar tão depressa. Mas é preciso. Não tenho senão um mês diante de mim, para poder apanhar a costa de onde parte o vapor e, antes disso, ainda tenho que dar um pulo a Busumbala, para aí estudar um caso curioso de doença de sono, de que me têm falado.»

—«Nós também nos dirigimos a Busumbala!» disse Jaime imprudentemente.

—«Então, é motivo para me felicitar cada vez mais. Viajaremos juntos e os meus carregadores se encarregarão da vossa bagagem.»

Nyanja, ao saber que o sr. Potter ia com êles, fez uma carêta terrível. Mas calou-se.

Os irmãos Bourteau felicitavam-se pela companhia que lhes fez o sábio durante os três dias que durou o trajecto até Busumbala. E quando se separaram, perto do pequeno burgo, eram os melhores amigos do mundo.

«É um bom e honrado velho!» assegurou Jaime, enquanto os nossos amigos se internavam em plena floresta, seguindo uma pista das mais difíceis.

(Continua no próximo numero)



GUY MANUEL LISBOA-1940